

Arquealogia anal: da anatomia ao cárcere histórico do cù

Leonardo Magela Lopes Matoso¹
Josenildo Soares Bezerra²

Resumo: Este ensaio é fruto da construção de uma tese de doutorado em Estudos da Mídia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) que buscou identificar o encarceramento anal nos discursos midiáticos de Padres da Igreja Católica acusados de práticas homossexuais, como dispositivo de controle da sexualidade. Para tanto, construiu-se uma arqueologia do ânus que pudesse dar vasão introdutória a este debate, construindo assim, um ensaio que abordou a noção de corporeidade e erótica do cù na ótica de Antonin Artaud (1974), Michel Foucault (2008) e Georges Bataille (2021), transitando pelas inferências de gênero e sexualidade na concepção da Judith Butler (2019) e buscando aporte teórico sobre analidade, transgressão e contrassexualidade em Paul B. Preciado (2022) e Javier Saez e Sejo Carrascosa (2016). Acredita-se que essa discussão possa auxiliar na compreensão das barreiras que impedem os homens de saírem do seu cárcere anal, de conseguirem assumir suas margens, suas beiras pouco assépticas e seus orifícios interditos. Coloca-se em voga tais reflexões diante dos limites transgressores entre o cù e a produção marginal do discurso que recai entre o sagrado e o profano.

Palavras-chave: cù; dispositivo de controle; sexualidade.

¹ Doutorando, Gay e Drag da Psicanálise e Psicolinguística. Mestre em Cognição, Tecnologias e Instituições. Especialista em Psicologia e Psicanálise. Formado em Enfermagem e Jornalismo. Membro do Grupo de Pesquisa Corpórica: Grupo de Estudos Interdisciplinares, Práticas Discursivas e Política dos Corpos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: leonardo.l.matoso@gmail.com

² Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor e Diretor do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFRN. Membro fundador da Red Latinoamericana de investigadores en Publicidade/Colômbia. E-mail: soares.bezerra@gmail.com

Escrevemos sobre aquilo que lembramos, ao recordarmos as agruras de pertencer à dissidência. Não por sermos homens gays, mas por termos, na pele, marcas da luta pela própria vida, por termos ao longo dos tempos discutido o que deveria ser naturalizado, mas que, por uma série de estruturas de dominação e poder, ainda hoje é perpetrado com violência, ódio, preconceito e discriminação. Escrevemos a partir da passividade e para os passivos, os afeminados, os transsexuais, os que se tocam à noite no escuro, os casados incestuosos, os praticantes de anilíngua, os policiais, padres, pastores, bispos, todos os encarcerados do cu.

Como posto nos escritos bíblicos, em Gênesis 1:1:

“No princípio, Deus criou os céus e a terra. A terra era vazia e deserta, e havia escuridão sobre as águas profundas; e a força ativa de Deus movia-se sobre as águas. E Deus disse: ‘Que haja luz.’ Então houve luz, e, depois disso, Deus viu que a luz era boa, e começou a separar a luz da escuridão.”

Assim foi o nascimento da vida, iniciada numa cisão entre a luz e a escuridão. Não satisfeito, Deus criou o Homem à sua imagem e semelhança. Se é semelhante, por conseguinte, seus órgãos sexuais também o são — tanto masculinos quanto femininos. Logo, pode-se pensar em um Deus intersexual (com pênis, vagina, clitopênis, micropênis, microfalo ou pênis-clitóris), cuja discussão não é o foco deste texto, mas serve de reflexão ao pensar o corpo e suas performances. Se, no início de tudo, Deus criou o homem à sua imagem, ele também criou o cu. Existe um cu em Deus, cujo órgão não deve ser excluído, mas sim visibilizado e debatido, como todos os órgãos que compõem o sistema sexo-gênero.

A anatomia do cu perpassa o divino, o humano e também o animal. Segundo o Dicionário Online de Língua Portuguesa, cu (do latim *culum*) denota a extremidade do intestino grosso, nádegas, rabo, ânus, mas trata-se de um vulgarismo, ou seja, uma palavra grosseira, obscena e tida como injuriosa. O que é completamente desconstruído neste ensaio, ao colocar o cu como cerne científico e estruturante desta discussão. Já o ânus — forma polida de designar essa região — vem do latim *anus*, que significa anel.

Nos seres humanos e nos animais o cu é um órgão situado na extremidade distante e inferior do intestino grosso. Carlo Ratto *et al.*, (2017), em seu livro “anatomia-fisiológico sobre colón, reto e ânus”, deixam claro que conforme comemos, e o alimento é digerido, ele passa do estômago para o intestino delgado e em seguida, para o intestino grosso. Este, por sua vez, absorve a água e o líquido dos alimentos digeridos e os resíduos que restam, formando o bolo fecal (fezes), que são armazenadas no reto, a parte final do sistema digestório. A partir daí, as fezes são eliminadas para fora do corpo passando pela mucosa retal e pelo cu, por meio dos movimentos peristálticos do intestino (movimentos de contrações voluntárias e involuntárias).

O tecido que reveste a parte interior do cu é chamado de mucosa. Nela, encontra-se algumas glândulas e dutos que produzem substâncias que atuam como lubrificante durante as contrações fecais. Na borda do cu, na parte externa, existem células que são escamosas e epidermóides. É o que formam as pregas que se fundem a margem do cu, que contém glândulas sudoríparas e folículos pilosos (Ratto, *et al.*, 2017).

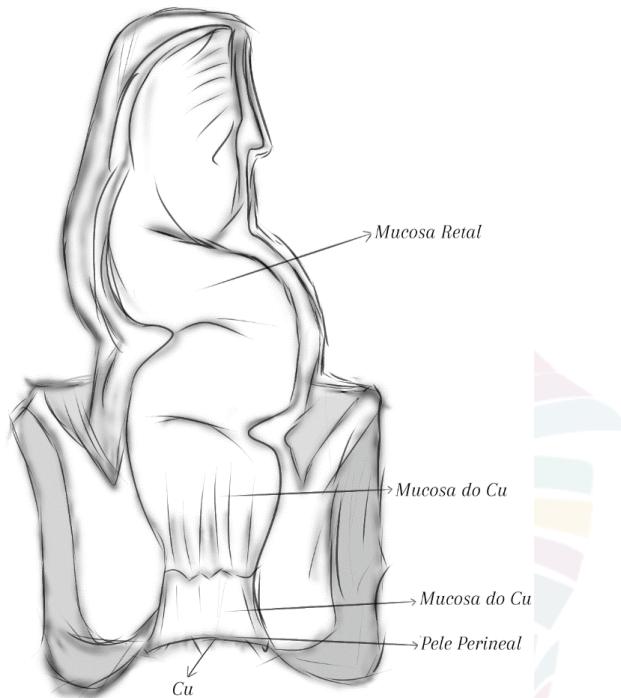
No trajeto entre o intestino grosso e o cu, existe o canal retal. O reto recebe este nome por ser quase retilíneo. Para muitos, é o trajeto que passam as fezes. Para outros, essa área vai muito além disso. É onde se recebe o pênis, as mãos, o antebraço, a língua e os dildos. Ratto *et al.*, (2017) dizem que o reto não é tão longo quanto se imagina, o canal tem por volta de 17 cm de comprimento e mantém-se fechado pelo músculo esfínter interno e externo. O externo, você controla (pode apertar ou relaxar quando evacua). Já o interno, não se tem controle voluntário, é controlado pelo sistema nervoso central.

Assim como muitos outros órgãos, a musculatura de suporte do cu é sustentada por outros músculos, neste local específico, o músculo chama-se “levantadores de cu”, sendo divididos em músculo pubovisceral, músculo puboccígeo e músculo ileococcígeo. Em síntese poderia ser nomeado de área perineal (Ratto, *et al.*, 2017), mas levantadores

de cu é um bom nome, principalmente quando se esforçam para diminuir e invisibilizar essa área corporal.

O períneo, em conjunto com os esfíncteres interno e externo da região formam um arcabouço de sustentação, de poder e controle que regula por meio dos nervos pudendo, a entrada e a saída daquilo que ele deseja. Para fins elucidativos, a Figura 1 pode sintetizar as principais partes internas que envolvem este órgão e seu sistema sexual-digestório.

Figura 1 – Parte interna do sistema excretor e sexual do cu, 2024



Fonte: autoria própria, 2024

Historicamente, o ânus é tratado pelo ser humano mais como um órgão digestório do que sexual. Isso porque se tem em mente que os únicos órgãos sexuais são aqueles capazes de reproduzir, ou seja, o pênis e a vagina. Nessa ideia conservadora,

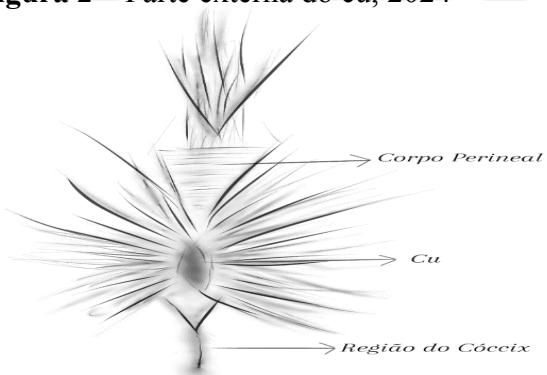
extirpam-se todas as outras áreas que, porventura, possam ser erógenas e capazes de sentir ou produzir prazer.

Para Paul B. Preciado (2022), é nessa compreensão do ânus como apenas um órgão digestório que, por muito tempo, se construiu uma arquitetura política dos corpos, onde existem aqueles que são mais úteis do que outros: os que podem reproduzir e os que não podem, os que podem ser penetrados e os que não podem. De toda maneira, a negação do cu como área de prazer é uma anedota que todos buscam ocultar, mas que desejam intimamente, escondendo a todo custo, inclusive ao custo da própria vida.

A vida não se sustenta em ocultações; uma hora ou outra, ela insurge em busca de desejos, seja na dúvida do sentir ou na materialização do prazer construído. O cu, para além de uma peça anatômica, é uma região erógena tanto na mulher quanto no homem, dotada de terminações nervosas e sensíveis, que, quando estimulada, tensiona os receptáculos nervosos, levando ao gozo.

No homem, o estímulo retal pressiona a próstata pela parede intestinal, também irrigando os nervos que influenciam o prazer. Na mulher, a penetração anal comprime a parede vaginal, causando, durante a performance, estímulo clitoriano e aderência ao ponto G vaginal. Por esses fatores, a penetração do cu é considerada a terceira prática sexual que compõe a política arquitetônica dos corpos, sendo a primeira a oral e a segunda a vaginal. A Figura 2 coloca em evidência a parte externa do cu.

Figura 2 – Parte externa do cu, 2024



Fonte: autoria própria, 2023

Os biólogos Andreas Hejnol e José Martín-Durán, da Universidade de Bergen, na Noruega, publicaram na revista científica *Zoologischer Anzeiger* um estudo que descreve detalhadamente a evolução do cu ao longo da história e a importância dele para o desenvolvimento das espécies. Esse estudo é um dos poucos que conseguiu trabalhar a gênese evolutiva do aparato anal, desde os seres sem vértebras até aqueles que evoluíram e possuem um sistema semelhante ao do homem (Hejnol; Martín-Durán, 2015).

Hejnol e Martín-Durán (2015) discorrem no artigo *Getting to the Bottom of Anal Evolution* ("Indo até o fundo da evolução anal") uma gama de exemplificações validadas por meio de engenharia genética sobre a utilização do cu entre os animais. A presença de um orifício excretor nos animais está atrelada ao grau de evolução e complexidade do sistema digestório. Nos seres vivos, essa área tem a tarefa de introduzir e digerir alimentos, absorvendo os nutrientes contidos neles e eliminando as substâncias que não foram utilizadas pelo organismo na forma de fezes — só que essa não é a única função do cu.

O estudo traz à tona a presença de animais com um cu transitório, ou seja, que ora utilizam essa região para se alimentar e excretar, ora para o sexo. Tomando como exemplo os seres vivos da espécie *acoelos*, que, em termos evolutivos, são extremamente primitivos, não possuem intestino nem ânus, tampouco possuem sistemas circulatório e respiratório. Mas, para se reproduzirem, criam gametas, que são liberados por meio de uma abertura no corpo chamada gonóporo, utilizada para reprodução. A tese do estudo, confirmada por testes genéticos, é que a evolução do ânus anda conjuntamente com a do gonóporo, ou seja, que a abertura anal tem alguma ligação evolutiva com a atividade reprodutiva (Hejnol; Martín-Durán, 2015).

Nas aves, anfíbios, répteis, alguns peixes e monotremados (ordem dos mamíferos que põem ovos, como o ornitorrinco), o cu é fundido com as terminações musculares e nervosas do aparelho gênito-urinário. O mesmo orifício, conhecido como

cloaca, serve para expelir os resíduos líquidos e sólidos, mas também para o acasalamento e a postura dos ovos. O cu, como dispositivo sexual, tem sido observado em ovinos machos, girafas e búfalos que se penetram entre si. Em alguns casos, como nas aves, o cu também é responsável pela reprodução. Ele sempre será o lugar por onde os animais defecam, mas também pode servir como órgão reprodutor (Hejnol; Martín-Durán, 2015).

Como visto, em vários animais o cu não é apenas um sistema excretor, mas também sexual e reprodutor, cuja hipótese também envolve a possibilidade de que a prática sexual animal esteja atrelada ao desejo e à pulsão de vida. Para Sigmund Freud (2016), o prazer vindo do cu foi o cerne de suas pesquisas entre 1905 e 1920. Diferente do que muitos acreditavam na época, de que o sexo anal se tratava de uma perversão sexual e, portanto, uma doença, Freud assinala que penetrar um cu não era mais do que uma escolha sexual, ligada à busca do prazer e desejo inerente a qualquer ser humano que tivesse um cu: “(...) o papel sexual da mucosa anal não se limita absolutamente à relação entre homens, sua preferência não é característica da sensibilidade invertida (...)” (Freud, 2016, p. 44).

Assim, para Freud, o cu se estrutura como uma zona erógena de prazer, uma zona reivindicada como sexual e libidinosa, como outros órgãos e partes do corpo. Para ele, a zona anal é como a zona bucal-labial, apropriada e desejosa por sua situação para permitir o apoio da sexualidade nas outras funções fisiológicas e corporais (Freud, 2016). Não o bastante, Freud tece um reconhecimento sobre a sexualidade e as fases de desenvolvimento sexual atrelado à libido. Para ele, o ser-humano desenvolver a psicossexualidade na infância através de cinco estágios, denominado oral, anal, fálico, latêncial e genital.

Em síntese, a **fase oral**, estruturada no nascimento até os doze meses de vida, é o estágio do desenvolvimento da personalidade onde a libido é centrada na boca do bebê. Isso significa que seu prazer é orientado para a boca, por meio dos atos de sucção, mordida e amamentação. A **fase anal**, iniciada aos doze meses e percorrida até os três

anos, é o período no qual a criança sente grande prazer em defecar. O cu torna-se interessante, principalmente pelo ato de contrair e relaxar, assim como, dedilhar-se para se conhecer anatomicamente. Já a terceira fase, tida por **fálica**, concentra-se dos três aos seis anos de idade. O foco são os órgãos genitais, e a masturbação que passam a ser fonte de prazer. A criança toma consciência das diferenças anatômicas sexuais, que desencadeiam o conflito entre atração erótica, ressentimento, rivalidade, ciúme e medo. Por sua vez, a **fase de latência**, que vai dos seis anos até a puberdade, tem esse nome devido sua ocultação. Aqui não há mais desenvolvimento psicossexual uma vez que a libido está adormecida. A energia sexual é sublimada, isso significa que grande parte da energia da criança é direcionada para o desenvolvimento de novas habilidades e a aquisição de novos conhecimentos. Por fim, tem-se a **fase genital**, que vai da fase puberal até a adulta. É um momento de experimentação sexual adolescente. O instinto sexual é direcionado ao prazer obtido através do outro, ao invés do prazer próprio, como no estágio fálico (Freud, 2016).

Freud defende a importância dos estudos sexuais, nesse aspecto mais diretivo, sobre o cu e seu posicionalmente dentro da psicossexualidade. Revelando por assim dizer, em associação com Preciado (2022), que o processo de apreensão do cu, faz parte de todo e qualquer desenvolvimento humano. No entanto, alguns usam mais do que outros, de diferentes modos e perspectivas, o que não o coloca como abjeto, muito pelo contrário, o configura como um órgão contrassexual, que subvertem os mecanismos falocêntricos, geocêntricos e patriarcais.

O cu tenta ser insurgente desde dos primórdios da antiguidade. Por insurgente, adota-se a compreensão de ser algo ou alguém que se rebela contra alguma coisa, esse rebelamente se dar pelo incômodo, pela não aceitação de uma regra, norma ou hegemonia. Seria pelo sentido político-cultural, um revolucionário. Discursivizado no homem e pelo homem, poucos são aqueles que tentam revolucionar o cu desde da sua concepção, posto prioritariamente como órgão digestório, esquecendo-se da sua função sexual, como era bem apreciada na antiguidade.

Na Mesopotâmia, no período de 2.800 a.C. a 2.000 a.C, o desejo de penetrar um cu acontecia durante os cultos religiosos e casamento dos povos assírios, assim como, para controle de natalidade, uma vez que se percebiam que ao penetrar essa área, a probabilidade de gravidez era nula.

No museu de Arqueologia de Israel, registram-se duas placas de argila que retratam casais heterossexuais fazendo sexo anal. As peças são do período da antiga Babilônia e apontam um erotismo raro da terra, que fica entre os rios Tigre e Eufrates, que antecede o Kama Sutra da Índia em mais de 1.500 anos (The Times of Israel, 2014).

Nas placas, devido à deterioração do tempo, embora a penetração não seja mostrada graficamente com tanta precisão, sabe-se que o sexo anal era o meio mais comum de contracepção antes que outros métodos fossem inventados. Nesta época, em muitas culturas, acreditava-se que essa prática não produziria filhos. Mas isso não quer dizer que a penetração fosse realizada apenas como meio de controle de natalidade. Entre os povos da Babilônia, o sexo anal e a prática homossexual eram livres; o ânus era visto também como uma forma de dar e receber prazer. Assim, o sexo nessa região era liberado em valor também do desejo e da satisfação carnal.

O pesquisador Joe Duncan (2019) abordou muito despretensiosamente uma matéria sobre a História da Sexualidade Anal em seu site, no *Medium*. Em tom de diversão, ele explicita que a Babilônia foi uma das primeiras grandes cidades da Terra a registrar os prazeres do cu e sua finalidade sexual. O antigo historiador grego Heródoto detalhou em seus escritos sobre uma antiga Babilônia em que as pessoas faziam sexo em qualquer lugar, a qualquer hora, sem se importar com ninguém ao redor - e era perfeitamente legal. Além disso, neste período, a castidade era um pecado, e havia homens e mulheres que entregavam seus corpos nos templos a servidão do público para pedirem favores aos Deuses. Orgias sexuais e grandes festivais de sexo também aconteciam, onde não apenas o cu era colocado em voga, mas todo o corpo.

A antropóloga Sarah Milledge Nelson (2006), em seu livro “gênero e arqueologia”, clarifica que uma série de culturas antigas penetravam o cu sem distinção

de gênero e sem tabus. No século 100 a 800 d.C, no Peru, os povos Moche enxergavam no cu um receptáculo de prazer e pureza, capaz de controlar o nascimento, além de trazer uma série de benefícios à saúde. As esculturas feitas de cerâmica Moche, revelam a preferência do cu durante a penetração, sendo que o sexo vaginal era utilizado apenas para procriação.

O povo Moche não via tabu na penetração do cu, sendo liberais não apenas nesta região do corpo, mas em qualquer outra coisa ou área do corpo que envolvesse o sexo e gênero. As performances sexuais quase sempre envolviam a penetração do cu, associado com a felação (sexo oral) e a masturbação, tanto nos corpos masculinos como femininos. Existem uma gama de potes, vasos e peças arqueológicas que revelam figuras de mulheres amamentando crianças enquanto tem seu cu penetrado, o que provavelmente era uma realidade na vida pré-histórica, sobre o qual silenciamos na contemporaneidade.

Na Índia antiga e até hoje, em algumas regiões, o cu é visto como uma zona erógena a ser penetrada. A tradição tântrica do povo indiano vê uma certa benevolência no coito anal. O *Adhorata*, nome dado ao sexo anal dos povos que vivem na região sul da Índia, assemelha-se as práticas de yoga como *Mulabandha*³ e *Asvini Mudra*⁴. Essa relação com o cu para Javier Sáez e Sejo Carrascosa (2016) é visto para esses povos como uma zona sensível do corpo humano, com significativa concentração energética e dotado de terminações erógenas.

O cu na tradição tântrica, é um “cu feminino” que se abre a espera de um macho. Isso porque para eles, a penetração aciona o chakra (energia espiritual psíquica) *Mulabandha*, ligado ao sistema nervoso central e que é simbolizado por uma Deusa serpente, chamada Kundalini. Para que esse poder seja acionado, ele passa pelo esfíncter Shiva (a parte feminina do Deus), neste caso, o cu que se abre é “sempre o

³ Técnica utilizada no tantrismo onde ocorre o travamento do esfíncter anal.

⁴ Técnica utilizada no tantrismo onde ocorre o relaxamento e contração da musculatura anal.

feminino" (Sáez; Carrascosa, 2016), não à toa, que existe muito fortemente a relação da passividade com a prática do sexo anal.

Para os autores supracitados, a relação pelo ânus é a busca pelo despertar da Kundalini que se encontra entre a parede retal e a última vértebra sacral, próximo da região coccígea. Lá, estimula-se a glândula Kundalini com a ejaculação, o que alimenta Shiva e intensifica o fogo interno. O fato é que a tradição tântrica vê com naturalidade algo que, na realidade, todo mundo sabe, mas nega: que o ânus é uma zona dotada de prazer e que pode levar ao gozo.

Semelhante a outras civilizações no que tange às práticas sexuais, na Grécia Antiga, o sexo foi por algum tempo naturalizado. É importante frisar que nesta época não existia a ideia de uma homossexualidade e tão pouco de identidade sexual, mas o sistema binário entre homem e mulher era algo que marcava a sociedade. Um homem poderia ter relações sexuais com homens e mulheres; tudo dependia da beleza e do poder que ocupava na hierarquia social. Os jovens masculinos despertavam mais desejos nos homens mais velhos, pois a virilidade e o vigor do corpo jovem eram qualidades que iriam defini-lo mais tarde, ao tornar-se homem, como um excelente guerreiro. E os jovens viam nos mais velhos o conhecimento e a experiência, e a partir daí existia o ato sexual, no qual o mais sábio ensinava e dominava o mais jovem, sendo então este o passivo, como aponta K. J. Dover (2007) em sua obra "a homossexualidade Grega".

O cu enquanto espaço sexual era comum e não existia a concepção de pecado, logo, não era uma relação recriminada. Entre dois homens, o formato passivo/ativo dependia da experiência de um e de outro e acontecia como sinônimo de amor verdadeiro entre o adulto e um adolescente (Dover, 2007). O que é bem contraditório se visto na atualidade, devido compreensão de abuso/violência sexual, isso principalmente porque era comum a relação sexual acontecer após o jovem completar 13 anos.

Michel Foucault explica no livro "A História da Sexualidade II – O Uso dos Prazeres" que a passividade adulta era mal vista na Grécia. A relação entre dois homens

maduros seria mais facilmente objeto de crítica ou de ironia. Isso porque existia a suspeita de uma passividade, sempre mal vista, que é particularmente mais grave quando se trata de um adulto (Foucault, 2022, p. 173).

Em contraponto, não era permitido que o adolescente que assumisse a performance de passividade demonstrasse prazer. Para Foucault (2022), isso ocorria devido à existência de uma vigilância em cima das concepções de gênero. Tomando por exemplo, a relação sexual entre adultos e adolescentes era marcada por rituais de dominação e poder, onde se buscava um adolescente avesso ao feminino. O erotismo se estruturava em cima do rapaz com sinais de virilidade, atitudes, resistência e ímpeto; tais sinais não dizem respeito à aparência afeminada, mas sim às características atitudinais. Com isso, a ideia de desfrutar-se de desejo, gozo e prazer durante a passividade sexual era inoportuna. Assim, dar o ânus era um ritual que levava o adolescente a ser homem, sempre como um ato de dominação e controle. Por isso, a proibição do desejo, porque o ânus a ser penetrado era apenas um rito de passagem, como forma de punição e transição de um posicionamento inferior para outro de ascensão. Além disso, esse ânus penetrado era apenas o masculino, visto que ser feminino já era, por si só, uma posição inferior na sociedade, sem crescimento entre os gêneros.

É factível discutir que apesar do cu ser penetrado sem tabus e preconceitos, os gregos também praticavam a cópula intercrustal. Isso significa que o ativo colocava o pênis entre as coxas do passivo, próximo aos seus testículos, não havendo penetração, e em um movimento friccional, realizava o ato com posterior ejaculação. Outra prática comum entre os homens era a masturbação mútua, porém, em algumas civilizações o coito anal era (e ainda é) considerado crime, como nos povos do Qatar, Arábia Saudita, Irã e Uganda, por exemplo.

Mesmo existindo a aceitação do cu como zona penetrável na Grécia antiga, é notado um distanciamento em torno do prazer. Onde o indivíduo adulto sublima o que

se sente, transformando seu desejo em uma relação parental, de zelo e amizade, capaz de superar a relação carnal (Dover, 2007).

Sáez e Carrascosa (2016, p. 51) realizam uma reflexão em torno disso, ao pontuarem que essa realidade social, com essas regras e valores, acontecia, mas não com todos os ditames rígidos da época. Isso porque era humanamente impossível manter-se na fixidez binária ativo/passivo, jovem/adulto, recalando sentimentos e prazer em si mesmo após se permitir ser penetrado ou penetrar o outro. Além de “ser difícil crer que, em todos esses atos de sexo anal, o jovem não experimentasse algum prazer ou que, na realidade, o jovem não transasse com o adulto quando dava vontade a ambos”.

Paul Veyne (1985), na obra "as sexualidades ocidentais", explica que, nesse período, as condutas sexuais eram pautadas em ser ativo e passivo, independentemente do gênero:

Ser ativo é ser um macho, seja qual for o sexo da pessoa chamada passiva. Obter prazer de forma viril, ou dar prazer de forma servil, tudo se baseia nisto [...]. Por isso, o adulto homem e livre que era homófilo passivo (chamado *impudicus*, ou *diatihemenos*) sofria um desprezo enorme (Veyne, 1985, p. 45).

Essa ideia de ativo e passivo, e até mesmo a relação homossexual, são retratados na Grécia antiga por meio do mito de Orfeu. Este foi tido como herói da Trácia e ficou conhecido por sua beleza, seus traços femininos e delicados. Além das ótimas qualidades de músico e no manejo com a espada, em combate. No mito, após a morte da sua esposa Eurídice, Orfeu se apaixonou por um adolescente, onde este foi o ativo e não o inverso, como de costume.

Essa percepção acerca do dar o cu por prazer foi disseminada por toda Grécia e Roma, onde alimentou-se ao longo do tempo a ideia de que o homem afeminado, seria então por natureza, passivo, feminino, servil (Veyne, 1985). Na Roma Antiga, na noite de núpcias os homens se abstinha de tirar a virgindade da noiva em consideração à sua

timidez, entretanto, penetravam seu cu, visto que essa zona sexual era tida como sinônimo de servidão e obediência (Dover, 2007).

Essa passividade também transitava entre o exército romano e todas as outras instâncias homo relacionais, ou seja, dotadas de homens que se relacionam entre si, afetivamente ou não. O soldado passivo era expulso do grupo, mas essa expulsão não tinha relação com o fato de gostar de homens, mas sim pela deficiência moral de ser passivo. Essa passividade era atitudinal; logo, homens mais delicados e que mostrassem fenotipicamente aspectos femininos eram distanciados do seu exercício profissional e taxados socialmente como mulheres.

Tomando como exemplo essa situação de feminilidade, o Estado romano, por vezes, proibiu os espetáculos de ópera porque eles afeminavam e eram pouco viris, diferente dos espetáculos dos gladiadores, das lutas livres à mercê do gozo do sangue e do corpo. O que escancara uma divisão ainda atual quando se fragmentam aspectos culturais ligados à binariedade de gênero, como: “teatro para mulheres/gays, futebol para homens/machos”; essa divisão já era explícita em Roma. Em todo caso, em todas essas práticas de injúria e condenação contra o passivo, se faz sempre essa falsa relação entre ser passivo e ser afeminado (Sáez; Carrascosa, 2016). Assim, verifica-se que muitos homens “viris” da época grega e romana desfrutavam sendo penetrados, mas toda a trama social e cultural ocultava esse fato.

O afeminado-passivo era colocado nitidamente como abjeto; mesmo assim, existiam vantagens na época, onde o “pecado” era “livre” no sentido de deixar o ato de dar o cu como sendo inerente à lógica de uma passividade consequente à falta de virilidade, mas não a causa. O que, na lógica atual, é inverso. Hoje, aqueles que dão o cu acarretam como consequência a perda da virilidade e até a própria vida. Ser penetrado é também abdicar do poder e denotar o lugar que se ocupa socialmente. Até era permitido ser penetrado, mas, quando descoberto, era objetificado e menosprezado como inferior, afeminado, fraco, não viril. Neste sentido, existe outro exemplo ainda mais curioso na cultura romana, uma obsessão por um ato execrável de que hoje se fala

pouco, mas que está muito bem documentado: o sexo oral. Chupar um pau era tido como errado, desprezível, porque é um ato passivo e de submissão, onde a ideia é dar prazer ao outro, oferecer a boca como um (cu ou vagina) para dar prazer, era pior do que ser descoberto como passivo.

O grave não é o ato em si da penetração, mas se quem a recebe é uma pessoa de classe alta, um homem livre e, sobretudo, que desfrute com isso, um homem que goze ao ser penetrado. O que escandaliza não é o sexo em si, mas o deslizamento de classe social que supõe, ao adotar uma posição que só deve ter o escravo, o submisso, o afeminado, a mulher... É importante colocar este ponto para entender a cultura romana: o critério que está funcionando é mais uma vigilância de classe do que de sexualidade (Sáez; Carrascosa, 2016).

Os atos sexuais expressados até aqui denotam claramente a prática acerca da penetração do cu como objeto de prazer. Em algumas civilizações, permitidos sem problematizações; em outras, com algumas ressalvas. Mas isso muda, se transforma com a chegada do Cristianismo e a Santa Inquisição. Mais tarde, o Cristianismo se encarrega de criminalizar a penetração do cu, encarcerando essa prática como perversão, considerando-a como condenação divina, classificando-a como sodomia perfeita.

O Cristianismo, como argumento de demonização do ânus, desqualifica o sexo nesta área porque essa relação seria antinatural, pois não gera a reprodução da espécie humana. O problema em concordar com esta afirmação é considerar que qualquer relação sexual só possa acontecer com propósitos de reprodução, sendo que o sexo é muito mais do que isso.

Os filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011) já se referiam a essa concepção na obra “o anti-édipo”, de 1968. Nós não transamos apenas com pênis, vaginas ou cus, mas transamos com nossos corpos e gêneros, portanto, é pensamento simplista achar que a prática sexual se refere a partes específicas do corpo. Somos todos erógenos da cabeça aos pés.

“[...] ver o que o cu põe em jogo. Ver por que o sexo anal provoca tanto desprezo, tanto medo, tanta fascinação, tanta hipocrisia, tanto desejo, tanto ódio. E, sobretudo, revelar que essa vigilância de nossos traseiros não é uniforme: depende se o cu penetrado é branco ou negro, se é de uma mulher ou de um homem ou de um/a trans, se nesse ato se é ativo ou passivo, se é um cu penetrado por um vibrador, um pênis ou um punho, se o sujeito penetrado se sente orgulhoso ou envergonhado, se é penetrado com camisinha ou não, se é um cu rico ou pobre, se é católico ou muçulmano. É nessas variáveis onde veremos desdobrar-se a polícia do cu, e também é aí onde se articula a política do cu; é nessa rede onde o poder se exerce, e onde se constroem o ódio, o machismo, a homofobia e o racismo” (Sáez; Carrascosa, 2016, p.13).

O Cristianismo aprisiona o cu e o serve em bandeja como hóstia. Serve aos seus fiéis e à própria estrutura clerical, tornando essa região uma zona particular da própria instituição. Nesse sentido, o cu seria o primeiro órgão a ser encarcerado, a ser posto fora do campo social e desinvestido ao longo do tempo, em diversas áreas e campos dos saberes. Como no processo histórico adscrito, o cu já não é mais investido coletivamente, mas desinvestido e privado.

Guy Hocquenghem, ao se deparar com o livro “o anti-édipo”, produz sua obra “o desejo homossexual”, escrita nos anos 1970. Para o autor, o desejo homossexual, o prazer em penetrar o ânus ou a boca de outro homem, poderia desestruturar uma sociedade falocrata. E isso seria um dos motivos da paranoia anti-homossexual, que muitas vezes se transmuta em agressão, preconceito, distanciamento, encarceramento e morte (Hocquenghem, 1970).

Estamos em um momento social em que o corpo pede para ser, de fato, reconhecido, e o ânus reivindica sua importância. Luta pela insurgência e reconhecimento como zona sexual, pede-se por uma política do ânus que se faça necessária. É importante deixar claro que ter prazer nesta área não tem relação com a homossexualidade. Essa associação foi pautada na historicidade e ditada como regra pelo Cristianismo. Como assevera Judith Butler (2019) em sua obra “problemas de gênero”, a orientação sexual não é definida por órgãos e/ou genitais.

Com isso, alimenta-se a ideia de Butler ao complementar que, se a orientação sexual não se define por seus órgãos sexuais, então dar o ânus pode ser uma prática de revolução factível para qualquer pessoa que tenha um ânus. Como pontua Georges Bataille (2018) em sua obra “a história do olho”, é necessário que todo ser que tenha um ânus possa tocá-lo, senti-lo, experienciá-lo sem medo de gozar. Só se torna humano, em pleno gozo, depois que se apalpa, se esfrega e se cutuca aquilo que está latente.

Dar o cu é criar realidade, é produzir realidade fora da abstração patriarcal. E o que é real, choca e incomoda. Isso porque, mesmo com Butler (2019) tendo dito que a prática anal pode ser inerente a quem possui um cu, a ideia performática desse gênero também se produz em meio à regulação e às distorções de poder. Ao passo que a penetração anal pode provocar prazer, desejo e gozo, como visto historicamente, ela também está pautada em uma série de proibições e controle social em distintas épocas.

Esse controle se alicerça nos dispositivos de poder que ditam quem pode e quem não pode dar o cu, mediando e decidindo a humanidade das pessoas, ao ponto de estrangularem seu prazer e o dos outros, direcionando esses sentimentos ao cárcere anal. Entender a biologia do cu e sua interseccionalidade enquanto dispositivo sexual pertencente ao corpo (masculino, feminino ou qualquer outro) é refletir, em termos materialistas e simbólicos, sobre a existência de um órgão não apenas excretor, mas também sexual. É uma área de negociação de prazer e de poder, que retém dildos, pênis, fezes ou qualquer outro objeto. É uma zona contrassexual, que também expulsa, expelle e pode ser diluída em total liberdade, sem reminiscências, apresentando-se como uma zona insurgente, capaz de destituir as barreiras que impedem os homens de saírem do seu cárcere anal, ou ao menos que estes consigam assumir suas margens, suas beiras pouco assépticas e seus orifícios interditos e intersentidos.

Referências

- 4,000-YEAR-OLD erotica depicts a strikingly racy ancient sexuality. **The Times Of Israel**, Nova York, 2023. Disponível: <https://www.timesofisrael.com/4000-year-old-erotica-depicts-a-strikingly-racy-ancient-sexuality/>. Acesso em 25 abr. 2023.
- BATAILLE, Georges. **A história do olho**. 1^a Ed. Companhia das Letras: São Paulo, 2018.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 17^a Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O anti-édipo: Capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DOVER, Kenneth J. **A homossexualidade na Grécia antiga**. Editora Nova Alexandria, 2007.
- DUNCAN, Joe. **The complete history of anal sex: part 1**. Disponível: <https://medium.com/moments-of-passion/the-complete-history-of-anal-sex-part-1-34b33ab1355>. Acesso em: 25 abr. 2023.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade do saber**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2022.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 6**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("o caso Dora") e outros textos (1901-1905). 11^a ed. -São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HEJNOL, Andreas; MARTÍN-DURÁN, José M. Getting to the bottom of anal evolution. **Zoologischer Anzeiger - A Journal of Comparative Zoology**, v. 256, p. 61-74, 2015.
- KRAFFT-EBING, Richard Von. **Psychopathia sexualis**. Independently Published, 2019.
- NELSON, Sarah Milledge. **Handbook of Gender in Archaeology**. Editora Altamira Press, 2006.
- PRECIADO, Beatriz. **Manifiesto contrassexual**, Ópera Prima, 2022.
- SÁEZ, Javier e CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu: políticas anais**. Tradução: Rafael Leopoldo, Belo Horizonte: Letramento, 2016.
- RATTO, Carlo; et al., **Colon, rectum and anus**: anatomic, physiologic and diagnostic bases for disease management. Springer Reference, 2017.
- VEYNE, Paul. **A homossexualidade em Roma**. In: Sexualidades Ocidentais: Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. 1 ed. Editora Brasiliense: São Paulo, 1985.

Anal archaeology: from anatomy to the historical jail of ass

Abstract: This essay is the result of the construction of a doctoral thesis in Media Studies at the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN), which sought to identify anal incarceration in the media discourses of Catholic Church priests accused of homosexual practices, as a device for controlling sexuality. To this end, an archaeology of the anus was constructed to provide an introductory outlet for this debate, thereby creating an essay that addressed the notion of corporeality and the eroticism of the anus from the perspective of Antonin Artaud (1974), Michel Foucault (2008), and Georges Bataille (2021), traversing the inferences of gender and sexuality in Judith Butler's (2019) conception and seeking theoretical support on anality, transgression, and countersexuality in Paul B. Preciado (2022) and Javier Sáez and Sejo Carrascosa (2016). It is believed that this discussion can assist in understanding the barriers that prevent men from leaving their anal prison, from being able to embrace their margins, their somewhat unsanitary edges, and their forbidden orifices. Such reflections are brought to light in the face of the transgressive limits between the anus and the marginal production of discourse that falls between the sacred and the profane.

Keywords: ass; control device; sexuality.

Recebido: 29/07/2024

Aceito: 08/10/2024